O DEPUTADO PAULA RODRIGUES (*)

PLÁCIDO ADERALDO CASTELO

O mercador que, de Granja a Januária, diàriamente, movimenta o comércio ambulante, sonha com o poder (ser Senador do Império), com a fortuna ferrar dois mil bezerros, anualmente, e com a longevidade atingir os 80 anos. Faz súplicas à Mãe do Senhor. Amarguras e desilusões há de sofrer. Os bens lhe são confiscados quando parecia alcançado o êxito na luta pela riqueza. O infortúnio do irmão, João de Andrade Pessoa Anta, fuzilado como elemento de destaque da Revolução de 1824, é motivo para o confisco do que amealhara. Paradoxalmente, é o início de extraordinária vida política, social e financeira. O mercador não hesita na defesa do que perdera. Vai à Côrte. Faz amizades, luta, consegue que lhe restituam os bens. Torna-se político. É eleito Presidente da Câmara de Januária, a heráldica Sobral de hoje. Capitão-Mor, Coronel da Guarda Nacional, Comandante Superior, não há mais barreiras que o impeçam. A súplica que fizera à Madrinha Excelsa concretizar-se-á: Senador do Império na vaga deixada pelo Conde de Lages, Oficial da Ordem da Rosa, fidalgo, Cavaleiro da Casa Imperial. De regresso da Côrte certa feita, vai à igreja para suplicar à Madrinha um aditivo às suas aspirações: "Venho agradecer-vos tudo quanto vos pedi e vós me concedestes. Amansei dois mil bezerros, sou Senador do Império e, hoje, completo 80 anos. Mas, minha madrinha, 80 anos é tão pouco..." Aos 84 anos falecia êsse notável cearense, o Senador Francisco de Paula Pessoa, nascido em Granja, a 24 de março de 1795, filho do português Tomás Antônio Pessoa de Andrade, natural de Rabacal, Coimbra, fundador de tradicional família a par do Partido Liberal, preponderantemente chefiado pela facção *PAULA*. Faleceu em Sobral a 16 de julho de 1879 e residia, conforme salienta Alberto Amaral, baseado em esclarecimentos do Dr. Carlos de Paula Pessoa, bisneto do Senador, de quem ressuma a nobre estirpe, numa casa da antiga Rua da Vitória, hoje Senador Paula, onde hospedou, em 1840, o Presidente Alencar, que ali fôra para frustrar uma sedição das fôrças enviadas para dar combate aos *BALAIOS*. O chefe

---

(*) Discurso pronunciado em solenidade da Assembléia Legislativa do Estado.

dos insurretos, Tenente-Coronel Tôrres, acabou por se entregar, um mês após. Foi assim que aquela casa, conforme consta da Ordem baixada por Alencar, a 12 de dezembro de 1840, tornou-se RESIDÊNCIA DO GOVÊRNO DO CEARÁ, NA VILA DE SOBRAL. Pertenceu, como herança, por morte do sogro, ao Conselheiro Rodrigues, e, por morte dêste, ao Dr. Francisco de Paula Rodrigues, que facilitou a sua sessão ao patrimônio do Bispado, por destinar-se à Sede Episcopal.

Legítimos sucessores políticos teria no filho médico do mesmo nome; no Senador Vicente Alves; e, no dealbar do regime monárquico, na pessoa do genro, o Conselheiro Antônio Joaquim Rodrigues Júnior; Deputado-Geral e Ministro da Guerra. Mais do que os adversários conservadores, também, fraccionados em os *Aquirazes* e os *Ibiapabas*, eram os *Pompeus* do Partido Liberal, guerreados, mor mente com o desaparecimento do Senador Pompeu e a liderança de Vicente Alves de Paula Pessoa. Certo encontraria no partido, chefiando a ala dissidente, José Liberato Barroso e Nogueira Acióli, êste genro de Pompeu, que lutariam com denôdo, mesmo quando a Província era entregue a homens da família Paula, como no caso da Presidência de José Júlio de Albuquerque Barros, mais tarde Barão de Sobral e Presidente da Província do Rio Grande do Sul. Na primeira eleição, vigente a Lei Saraiva, por Distritos, para a legislatura 1884-85, o balanço político é favorável aos *Paulas* sem relação aos *Pompeus*. Êstes elegem, apenas Deputado o advogado Belisário Cícero Alexandrino, de inegável prestígio pessoal no Iguatu; os Paulas elegem 15; os conservadores-*Aquiraz*, 10; e os conservadores-*Ibiapaba*, 6; o Conselheiro Rodrigues Júnior quer mais. A facção *Pompeu* não deve insistir nessa desunião partidária. Consegue para o Comendador Nogueira Acióli a Presidência da Província do Espírito Santo... Era uma homenagem ao adversário, que não foi pela cortesia. E logo mais, afastado do Ministério, se atritando com o Presidente do Conselho, êste, em represália política, faz a nomeação de Presidente recair na pessoa de Carlos Honório Benedito Otoni, que traz, como Secretário, Francisco Sá, futuro genro de Nogueira Acióli. Mesmo assim os *Paulas* vencem no pleito. O gabinete liberal de Ouro Preto substitui o Presidente. O senador gaúcho Henrique D'Ávila procura reconciliar as duas correntes liberais. Troca-se o "beijo Lamourette", no expressar do Visconde Taunay, nas *"Reminiscências"*. Fôra, mesmo, tão efêmera a reconciliação que se adapta à frase irônica, relembrando episódio idêntico da política francesa, *De Balsers Lamourette...* já que vagando, por falecimento, uma cadeira no Senado, a de Vicente Alves de Paula Pessoa, os dois chefes liberais a disputam. Na lista tríplice Nogueira Acióli é incluído, ao lado do Conselheiro Tristão e do Barão de Ibiapaba. Acióli é o escolhido. Antes, porém, de aprovada a escolha, pela Senado, é pro-

clamada a República. Não seria, no Império, que a facção *Pompeu*, ou melhor, o Comendador Nogueira Acióli, dominaria o Ceará, mas, na República, aderindo, como aderiu, ao nôvo regime. Assim não procedeu o rival, atitude que lhe criou muitos dissabores, atendendo a que, por suspeita de monarquismo, foi prêso com diversos amigos. Antônio Joaquim Rodrigues Júnior casara com d. Maria Luíza de Paula Pessoa, filha do Senador Paula. Do consórcio nasceriam dois eminentes vultos da política cearense, Francisco e Tomás de Paula Rodrigues. É o centenário de nascimento do primeiro que esta Augusta Assembléia, hoje, comemora por deliberação do Presidente Mauro Benevides e adesão de reverência do Plenário à memória do varão insigne, político de bom quilate, humano na medicina, fidalgo no trato, impoluto no proceder como cidadão, imparcial no pôsto de Chefe do Poder Legislativo, combativo na defesa de seus ideais políticos, mas elegante na linguagem. Mais do que todos êsses atributos, era o homem que amava o campo, os gados, as fazendas, os que o ajudavam e o definiam como *homem sem luxo, sem soberba, sem bondade*, vale dizer, o homem que, podendo ostentar, perseguir, desprezar, procedia como um simples elemento humano, de coração pulquérrimo, da mesma grei campesina. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888, visita a terra natal e daqui resolve clinicar em Teresina, Piauí, como especialista, demorando ali vários meses. Após isso, percorreu diversos países da Europa freqüentando as clínicas de Berlim, Leipzig e Viena. Era especialista em oftalmologia e, por isso, fêz contactos com os luminares da época, Vecher e Masselon. Havia poucos anos, convalescia, quando, na companhia de sócios do Instituto do Ceará, fomos visitá-lo. Era merecedor de especial atenção da casa do Barão de Studart, benemérito do Sodalício. No decorrer da palestra, que era erudita, procurou amenizar os temas, aludindo à sua estada em Paris, com episódio decorrente dos reclamos de amigos que o não tinham como companheiros nas diversões. De tanto insistirem, imaginou contentá-los, declarando que era questão de hábito. Êles, os amigos, apreciavam brincar em grupo. Êle preferia divertir-se sem observadores. De conduta ilibada, compreenderam os colegas o sacrifício da declaração, já que estavam certos de que sua preocupação era a de não perder tempo, dedicando-se, inteiramente, à ciência. Regressando à Pátria, chefiou, com Moura Brasil, a Policlínica do Rio de Janeiro no espaço de 10 anos. Declarou, no entanto, em discurso no Centro Médico local: "A Policlínica é Moura Brasil. Moura Brasil é a Policlínica". Presidiu, ainda, no Rio, o Centro Cearense, prestando aos conterrâneos a ajuda procurada e plieteando dos altos podêres da República melhoramentos como o prosseguimento das obras do Açude Cedro e a construção do Açude do Boqueirão de Lavras. Na República continuou político, tendo sido candidato a Se-

nador, pela oposição, não conseguindo, òbviamente, ser eleito. João Brígido, então correligionário, faz a campanha, justamente apontando os predicados que lhe ornavam a personalidade de escol. Era o chefe, de fato, da zona-norte e de parte do centro-oeste, enquanto Moreira da Rocha e outros comandavam os demais setores. No Govêrno de Franco Rabelo, homem que, no seu juízo abalizado, era um puro, dominou completamente a política, advindo por isso o rompimento de João Brígido, que o qualificou, então, de **Carnaúba**, querendo, com êsse apelido, significar que êle "era pau para tôda obra". Era, na verdade, um **Carnaúba**, simbolizando atitudes retilíneas, firmeza de convicções, amparo aos desprotegidos, zêlo pelo desenvolvimento econômico da gleba mártir. Político de princípios, infenso aos conchavos, em 1912 criara a Assembléia constituída de deputados aciolinos, na maioria, o problema do reconhecimento. O Presidente Hermes da Fonseca e Pinheiro Machado, condutor da política nacional, sentem a gravidade da situação e, com o beneplácito de Nogueira Acióli, sugerem entendimentos, compensado o partido aciolino. As posições políticas do interior, especialmente na zona-centro e sul, pertenceriam aos adversários de ontem. Paula Rodrigues reage, prontamente. Aceitava o reconhecimento, do Presidente legìtimamente eleito, como elementar decorrência do cumprimento do dever constitucional, pelo Legislativo. Mas, no Rio, o acôrdo é firmado e observada a primeira parte. Paula Rodrigues não ratifica. Era o responsável político. Desde o primeiro instante fôra claro. Denunciado o acôrdo, foi o centro natural de atração das represálias, em que pêse ao agrado com que foi recebida a sua atitude pelos que não o obedeceram, convictos do natural desfecho que intimamente estimavam. A queda de Franco Rabelo motiva nova viagem à Europa, ditada pelo respeito à sua dignidade própria. As suas fazendas são saqueadas, os gados de linhagem nobre são vendidos para o abate comum, os animais de cela, para nós, sertanejos, de vera *estimação*, e tratados com carinho, são roubados, maltratados. Vandalismo sádico de prejudicar, vanglorismo selvagem. E os autores dos atentados não vacilam na exibição das montarias preferidas pelo fazendeiro eminente. O Estado, pelo ilícito, o indenizaria. As avaliações oficiais, em 1914, ultrapassam, no entender de Paula Rodrigues, os danos sofridos. Requer, escrupulosa e justificadamente, revisão dos laudos para que se ajustem à verdade. Dos 70, pleiteia, apenas, 53 contos. Atitude que o credenciaria, decorridos 14 anos, para nesta Casa censurar o Poder Executivo que ordenara o pagamento de uma liquidação judicial com mais de 50% de acréscimo, agindo como judicial. É apontado como deputado demolidor. Responde, prova que não, representante do povo, ciente dos seus deveres. Mas, a par de seu interêsse pelo ruralismo, foi um abnegado na luta pela instru-

ção e a saúde, tendo fundado a Associação Cearense de Educação, ao lado de Raimundo Gomes, contribuindo, pessoalmente, para a aquisição de material destinado às escolas de Sobral, Quixeramobim e de outros pontos do Ceará. Fundou, também, a Associação de Assistência Dentária Escolar, e o seu trabalho, nesse sentido é notável, bem assim a inspeção que fêz, por conta própria, examinando 2.418 crianças, nesta capital, com o intúito de investigar a freqüência da conjuntivite tracomatosa e conhecer as condições higiênicas dos alunos carecidos de assistência médica. No relatório, *sui generis*, à imprensa, aponta o resultado: "percentagem global para o tracoma, 27,1%; para as conjuntivites catarrais, 12,04%. Como se vê, atingiu 27,1% a percentagem dos tracomatosos entre os alunos examinados; distinguidos, porém, os casos referentes ao período granuloso e ao período inicial (cujo diagnóstico diferencial não se firma, de pronto, com segurança) teremos — tracoma —, no período francamente granuloso 6,8%; na fase inicial, 20,2%, situação favorável ao êxito do tratamento se fôr isso cuidadosamente levado a efeito", sugeria. E não se limitava à capital. Apreciava também a situação da Ibiapaba, de Baturité, e, em especial, do Cariri, demorando nos quadros contristadores de Juàzeiro e Crato, nos dias de feira. O seu contacto com o campo era contínuo. Decorria de sua posição de senhor de grandes fazendas, sem individualismo, mas procurando prosélitos para atuações coletivas, fundando, para isso, com Natanael Cortez, Sousa Pinto, Oscar Carneiro e outros, a Associação Rural do Ceará. Em 1930, presidia o Congresso Rural de Iguatu, presentes mais de 200 agricultores e criadores. O vaqueiro era o compadre, o amigo. O tratamento de igual para igual. Tendo mandado construir um açude numa das propriedades, recebe, certo dia, telegrama de que o açude estava perigando. Resolve observar pessoalmente e avisa ao vaqueiro que o espere na estação de Quixeramobim. Ao chegar, pergunta, sem mais preâmbulos: — Compadre, o açude arrombou? — Não, compadre. — Então, passou o perigo? — Não, compadre, o açude se desmanchou!

E, compadre, não é a mesma cousa? — Sim, compadre, mas era para dar tempo ao compadre descer do carro! Era assim simples, autêntico, mas sem fatalismo. As definições, em dado momento histórico, os de incertezas de rumos políticos, realçam personalidades, caracterizando-as numa ratificação do conceito público de dignidade, de brio, de virtudes cívicas. O caso de Princesa e a luta política nacional anterior à sucessão do Presidente Washington Luís, exigiam atitudes corajosas. Nesta Assembléia representava a facção *Távora*, um deputado, o Major João Leal, quando do assassínio do Dr. João Pessoa, Presidente da Paraíba. Ao lado do representante tavorista, solidário com a homenagem pedida, Paula Rodrigues se pronuncia, destacando "o traço dominante, característico da personalidade de João Pessoa, e que não era lícito olvidar, no momento,

a impavidez, a bravura cívica, o temperamento de aço do lutador inexcedível na defesa da integridade e da autonomia da terra que êle administrava — elevando-a, honrando-a". E acrescentava: "Raros homens neste país têm elevado tanto o nome da nossa terra como o grande Presidente da Paraíba, com denôdo, com a bravura cívica que enobrece a raça. Tendo contra si desencadeado, conjugados todos os elementos de uma política que não corresponde à civilização atual, êle soube se colocar acima do momento tormentoso que passa". E conclui: "Com estas palavras, quis salientar o traço fulgente do homem que foi João Pessoa, que soube, pelos seus gestos e atos de coragem cívica e bravura moral, superpor-se aos homens do seu tempo". E a imprensa comenta o discurso. Era a palavra de Paula Rodrigues seriedade, compostura, valor pessoal alicerçado na moral ilibada. A palavra que o Ceará esperava, para fortalecer a de outros dignos líderes.

A Revolução de 1930 não o afastou, completamente, da vida pública. É escolhido, pelo Govêrno provisório, para integrar o Conselho Consultivo do Estado. Com a reconstitucionalização vê o primo Figueiredo Rodrigues eleito Deputado Federal; e, mais tarde, o sobrinho dileto, o engenheiro Egberto de Paula Rodrigues, filho do eminente Senador Tomás de Paula, eleito também Deputado Federal.

Há uma legenda inscrita no monumento do Conselheiro Rodrigues Júnior: *Vitam impendere vero*. A frase juvenalina mereceu o respeito, o culto e a compreensão. É palinuro do proceder de uma família jamais desvirtuada pelos que respeitam e reverenciam a memória de Paula Rodrigues e, como êle, descendem do primeiro Senador Paula.